

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO  
ÁREA DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA

Camila da Cunha

**O PROCESSO DE PERMANÊNCIA DE JOVENS NO CAMPO  
AS RELAÇÕES NA AGRICULTURA FAMILIAR, SUAS FORMAS DE PRODUÇÃO  
E ESCOLARIDADE.**

Alfredo Wagner/Florianópolis

2021

Camila da Cunha

**O PROCESSO DE PERMANÊNCIA DE JOVENS NO CAMPO:  
AS RELAÇÕES NA AGRICULTURA FAMILIAR, SUAS FORMAS DE PRODUÇÃO  
E ESCOLARIDADE.**

Trabalho de Conclusão do Curso Licenciatura em Educação do Campo, Departamento de Educação do Campo, Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo na área das Ciências da Natureza e Matemática.  
Orientadora: Prof. Dra. Beatriz B. Collere Hanff.

Alfredo Wagner/Florianópolis

2021

### Ficha de identificação da obra

Cunha, Camila da

O processo de permanência de jovens no campo. As relações na agricultura familiar, suas formas de produção e escolaridade. / Camila da Cunha ; orientadora, Beatriz Bittencourt Collere Hanff, 2021.  
50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Educação do Campo, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Educação do Campo. 2. Jovens do Campo. 3. Licenciatura em Educação do Campo. I. Hanff, Beatriz Bittencourt Collere . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação do Campo. III. Título.

Camila da Cunha

**O PROCESSO DE PERMANÊNCIA DE JOVENS NO CAMPO:  
AS RELAÇÕES NA AGRICULTURA FAMILIAR, SUAS FORMAS DE PRODUÇÃO  
E ESCOLARIDADE.**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo na área das Ciências da Natureza e Matemática

Florianópolis, 10 de agosto de 2021.

---

Prof., Dr<sup>a</sup>. Carolina Orquiza Cherfem  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Orientador(a)  
Prof.(a) .Dr.(a) **Beatriz Bittencourt Collere Hanff**  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Avaliador(a) Prof.(a) Dr.(a) **Maíra Defendi Oliveira**  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Avaliador(a)  
Prof.(a) Dr.(a) **Edson Marcos de Anhaia**  
Universidade Federal da Santa Catarina

---

Avaliador(a) Suplente  
Prof.(a) Dr.(a) Graziela Del Monaco  
Universidade Federal da Santa Catarina

Dedico este trabalho a todos aqueles que contribuíram para a sua realização. Em especial, a minha família e meus colegas de classe. Também, aos meus mestres e a minha orientadora. Sem eles, eu não teria chegado até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente a minha família que me oportunizou a conclusão deste curso. Meu marido e filho que tiveram muita paciência e que me apoiaram constantemente, a minhas irmãs e irmão e aos meus pais. Todos apoiaram e ajudaram pois, quando iniciei este curso meu bebê tinha apenas um aninho e sem a ajuda desta família maravilhosa eu não teria conseguido.

Agradeço também aos meus colegas de classe pois toda contribuição foi indispensável, inclusive àqueles que por algum motivo não chegaram ao final deste curso, todos tiveram sua contribuição especial para a minha evolução.

Por fim, agradeço aos meus mestres que foram todos maravilhosos e me ensinaram com muita dedicação tudo o que aprendi. Em especial, agradeço a minha orientadora que acreditou em meu potencial e me encorajou para a produção deste TCC, agradeço a atenção e paciência que teve comigo e a toda a orientação que me deu com muito carinho.



## RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso aborda questões sobre as relações entre a agricultura familiar, o modo de produção, a escolaridade e permanência dos jovens no campo, mais especificamente no interior do município de Alfredo Wagner, Santa Catarina . Buscou-se conhecer a estrutura e modo de produção de duas propriedades visitadas. O objetivo é identificar o que faz com que esses jovens permaneçam no campo e quais as suas visões sobre a vida no município de Alfredo Wagner. Além disso, saber se há relação entre a permanência no campo e a forma de organização e produção na propriedade, e estabelecer quais as relações com a busca ou não de continuidade nos estudos. A escolha dos sujeitos entrevistados se deu pelo modo de produção e pela distinta relação com a educação e propriedade. Sendo então um jovem produtor de fumo (SILVA, 2021) que optou por interromper os estudos no terceiro ano do ensino médio e uma jovem produtora de multiculturas (GOES, 2021), por meio da produção orgânica, que está concluindo o ensino superior. As duas propriedades visitadas estão organizadas no formato de agricultura familiar, entretanto possuem modos de produção bastante distintos, sendo a primeira baseada na produção de fumo e a segunda em uma variedade de produtos orgânicos. Foi possível perceber que apesar dos dois jovens ainda permanecerem na propriedade, suas relações com o modo de produção e escolaridade são diferentes, o primeiro acredita não ter necessidade de continuar os estudos para permanecer na agricultura, já a segunda entrevistada acredita que a universidade mudou sua propriedade e sua vida para melhor.

**Palavras-chave:** Educação do Campo; Modos de Produção; Jovens do campo, Agricultura Familiar.





## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Alfredo Wagner no mapa de Santa Catarina.....	20
Figura 2 – Mapa de Alfredo Wagner .....	21

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Matrículas nas escolas de Santa Catarina (2008 á 2020) .....	26
Gráfico 2 – Evolução da distribuição relativa, por faixa etária, da população em Alfredo Wagner em 2000 e 2010 .....	27

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Estrutura fundiária de Alfredo Wagner e Bom Retiro **Erro! Indicador não definido.**

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas

EDUCAMPO Curso de Licenciatura em Educação do Campo

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SC Santa Catarina

TCC Trabalho de Conclusão de Curso

TC Tempo Comunidade

TU Tempo Universidade

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

PRONAF Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>I - ALFREDO WAGNER: HISTÓRIA E SEU CONTEXTO EDUCACIONAL .....</b>	<b>20</b>
1.1. CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DO MUNICÍPIO .....	20
1.2. CONTEXTO HISTÓRICO.....	23
1.3. CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO ALFREDENSE.....	25
<b>II - RESULTADOS DA PESQUISA COM DOIS JOVENS DE ALFREDO WAGNER: RELAÇÕES ENTRE A PROPRIEDADE E SUA PERMANÊNCIA NO CAMPO .....</b>	<b>28</b>
2.1. O JOVEM SUCESSOR DO PAI NO PLANTIO DE FUMO.....	28
2.1.1. A propriedade: agricultura familiar através da monocultura do fumo. ....	29
2.1.2. Por que os jovens muitas vezes saem no campo?.....	31
2.2. JOVEM, MULHER, AGRICULTORA FAMILIAR AGROECOLÓGICA E GESTORA DA PROPRIEDADE .....	34
<b>III - A PERMANÊNCIA NO CAMPO: O QUE FAZ OS JOVENS FICAREM NO MEIO RURAL?.....</b>	<b>41</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi construído como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo (EDUCAMPO) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O foco deste trabalho é discutir a permanência de jovens no campo, especificamente em propriedades da agricultura familiar. Para isso foi preciso observar e levantar informações sobre duas propriedades rurais por meio de dois roteiros de questões. No primeiro foram abordadas questões que ajudaram a entender como está constituída cada propriedade e as suas formas de produção. O segundo roteiro, teve por finalidade, entender o processo e a importância ou não da escolarização para esses jovens e a relação desses conhecimentos com o trabalho na agricultura.

Vale destacar que este TCC foi produzido no município de Alfredo Wagner, interior de Santa Catarina, município no qual cresci e estive até quando completei meus dezoito anos e resolvi sair para morar em um município maior, São José (SC). Meus pais sempre desejaram que eu continuasse meus estudos para que eu não precisasse trabalhar na roça e assim, tivesse uma vida melhor que a deles. Então resolvi ir morar em uma cidade maior, na qual eu poderia cursar a universidade, conseguir um bom emprego e viver bem. Bom, essa foi a teoria, porém a prática foi bem diferente. Morei lá por seis anos, trabalhava em um emprego no comércio e não estudei. Foi quando eu e meu marido (já havia me casado) resolvemos voltar a morar em Alfredo Wagner, pois havíamos tido nosso primeiro filho e lá não havia ninguém da nossa família que pudesse nos ajudar a cuidar dele para que eu pudesse voltar a trabalhar.

O curioso, foi que voltando para Alfredo Wagner tive a oportunidade de cursar a esperada universidade que eu e meus pais tanto sonhamos, e ainda em uma das mais conceituadas universidades públicas do país, a UFSC. O EDUCAMPO entrou em minha vida de forma inesperada, iniciei o curso sem saber ao certo o que estava acontecendo e quando percebi, estava apaixonada pela arte de aprender a ensinar. “Esta licenciatura tem como objetivo formar e habilitar profissionais para atuação nos anos finais do ensino fundamental e médio, tendo como objeto de estudo e de práticas as escolas de educação básica do campo. (CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B, *et al.* 2012, p. 467).

O EDUCAMPO é diferente das licenciaturas comuns, ela habilita seus profissionais por área de conhecimento e não por área específica, no meu caso a área é de Ciências da Natureza e Matemática. Outra novidade é que seu currículo é organizado em formato de

alternância dividida entre Tempo Universidade (TU) e Tempo Comunidade (TC), sendo assim o licenciando deve cumprir horas tendo aula na universidade e em outros momentos cumprir horas na comunidade “tendo em vista a articulação intrínseca entre educação e a realidade específica das populações do campo” (CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B, et al. 2010. P.468).

A Licenciatura em Educação do Campo me aproximou do município onde resido e me fez querer saber mais sobre ele, como também a conversar com os idosos e me encantar com suas histórias.

No primeiro semestre do curso, durante o Tempo-Comunidade, produzimos um diagnóstico do nosso município por meio de informações que levantamos com a população alfredense, com base em entrevistas, observações e visitas a instituições e organizações sociais. Penso que toda licenciatura deveria proporcionar que o (a) futuro (a) professor (a) conhecesse, de fato, seu município, como a minha fez.

Além disso, o EDUCAMPO parte do pressuposto de que é necessário alcançar sujeitos menos favorecidos, como filhos de agricultores familiares, ribeirinhos, indígenas; pessoas estas que na maioria das vezes não tem acesso a um ensino superior de qualidade, sendo assim seu formato é flexível para alcançar de forma mais significativa esses sujeitos. No meu caso tínhamos aulas presenciais (Tempo-Universidade) todas as noites de segunda a sexta aqui mesmo, no meu município, portanto os professores se deslocavam todas as noites do campus da UFSC de Florianópolis até aqui para que as aulas acontecessem; já o Tempo-Comunidade acontecia durante o período diurno.

O Curso EDUCAMPO baseia-se nos princípios da Educação do Campo como valorizar os saberes do campo, incentivar a coletividade e a agroecologia. E para nós, que somos do campo, um modo de ensino como esse proporciona uma nova concepção de mundo, nos abre caminhos e melhora a qualidade de ensino nas escolas. “A Educação do Campo compreende os processos culturais, as estratégias de socialização e as relações de trabalho vividas pelos sujeitos do campo, em suas lutas cotidianas para manterem esta identidade, como elementos essenciais de seu processo formativo.” (CALDART, PEREIRA, ALENTEJANO, FRIGOTTO, 2012, p.469)-

Venho de uma família simples de agricultores e precisei retornar ao município para conseguir entrar em um curso de ensino superior. Aliás, ele veio até mim. Estudei desde a quinta série do ensino fundamental I até a oitava série do fundamental II (já que na época não existia nono ano) na Escola Básica Passo da Limeira, uma escola nucleada no campo. Escola



esta, que tenho imenso orgulho de ter feito meus estágios e que me instigou para a construção deste trabalho.

Partindo do pressuposto que há uma desvalorização do campo em relação á cidade, referindo-se que o campo é um lugar “atrasado”, penso que tal visão se dá, muitas vezes, porque realmente o campo encontra-se desvalorizado em termos de visibilidade de sujeitos. Muitas vezes quando se fala em rural, se pensa apenas em produção agrícola e acaba-se esquecendo que o rural é muito mais que “roça”. É lugar de gente, de crianças, jovens e idosos, que precisam de políticas públicas destinadas para tal realidade. Claro que precisamos de máquinas agrícolas modernas e funcionais, porém também precisamos de lazer, educação e saúde de qualidade.

A Licenciatura em EDUCAMPO trouxe argumentos que reafirmam a premissa de que todos os cidadãos possuem os mesmos direitos e deveres seja na cidade ou no campo, me tornando mais crítica sobre questões como essa.

Atualmente leciono a disciplina de matemática nesta mesma escola, que é municipal, para todas as turmas do ensino fundamental II. E relato a seguir o motivo da escolha do tema deste TCC.

Em 2018, eu, juntamente com uma colega de turma realizamos pesquisa sobre a evasão escolar na Escola Básica Passo da Limeira. Ao realizarmos os processos de vivência e observação em sala de aula percebemos que as turmas do 6º e 7º ano possuíam entre 28 e 30 estudantes, enquanto as turmas de 8º e 9º anos possuíam cerca de 15 a 17 estudantes. A pesquisa, com estudantes do 6º ao 9º ano também apontou que a maioria deles pretende dar continuidade aos estudos. Entretanto, dos entrevistados que pretendem ir para a universidade 22% são meninos e 78% são meninas.

Em conversa com a diretora da escola confirmamos que todo o ano acontece a mesma coisa, muitos estudantes se matriculam para cursar o 6º e 7º ano, enquanto no 9º e 8º ano essa quantidade cai quase pela metade. Nesta pesquisa pude perceber que apesar de me surpreender de forma positiva, pois a grande maioria dos estudantes entrevistados pretendia continuar a estudar após o ensino básico, muitos também haviam se perdido pelo caminho e não estavam ali para responder a nossos questionamentos.

Os resultados da pesquisa me instigaram a aprofundar os estudos e tentar compreender melhor este cenário. Compreender a relação entre sair e ficar na propriedade no meu município. Além disso, me incomoda a frase “estudar para ir para a cidade grande em

busca de algo melhor”. O que seria este algo melhor? Por que muitas pessoas acabam voltando? Será que elas encontram o seu “algo melhor” aqui?

Eu sou uma dessas pessoas que tem tudo o que precisa aqui mesmo, no município. E como mulher do campo também possuo uma bagagem com contribuições para esta temática.

Meu objetivo é identificar o que faz com que os jovens permaneçam no campo, quais as suas visões sobre a vida no município de Alfredo Wagner. Além disso, saber se há relação entre a permanência no campo e a forma de organização e produção na propriedade, e ainda estabelecer quais as relações com a busca ou não de continuidade nos estudos. Para isso, parece-me necessário também, entender a estrutura educacional do município para compreender melhor o contexto socioeconômico e educacional buscando identificar na visão dos jovens as relações entre educação, vida e trabalho no campo.

Para alcançar essas respostas realizei entrevistas com dois jovens do município, sendo um que interrompeu os estudos no terceiro ano do ensino médio e uma jovem que está cursando o ensino superior. Foram selecionados jovens com idades entre 20 e 27 anos.

Metodologicamente foram usados dois instrumentos de entrevista. O primeiro com informações relacionadas a propriedade na qual esses jovens trabalham, e o segundo focado na escolaridade. As entrevistas foram produzidas como base nesses dois roteiros para que não houvesse possibilidade de alguma questão ficar para trás, porém o objetivo era realizar as perguntas a partir de uma conversa, na qual pudesse observar as principais características de cada propriedade e suas relações com os entrevistados.

As entrevistas foram realizadas nas propriedades para que pudesse também observar as características, formas de organização e a relação destes com o núcleo familiar. Ao chegar na primeira propriedade imaginei que conversaria apenas com o jovem, porém fui muito bem recepcionada pelo seu irmão e todos os sete integrantes da família (pai, mãe, quatro filhos e a namorada do jovem a ser entrevistado) vieram ao meu encontro para a realização da conversa. Todos contribuíram e dessa forma a conversa se tornou muito mais proveitosa. A mãe do jovem relata que todos estavam ansiosos para a minha chegada. Quando cheguei na propriedade, era um sábado a tarde, eles estavam repicando o fumo, toda a família parou o trabalho para me receber.

A segunda entrevista, realizei no dia seguinte, no domingo. Quando cheguei na propriedade, a família estava descansando, conversei com a jovem seguindo o roteiro de entrevistas e a conversa fluiu, ela me passou muitas informações além do que eu havia selecionado para perguntar e foi maravilhoso, enriquecendo ainda mais este trabalho.

Este TCC está dividido em três partes. No capítulo I descrevo o município no qual estou realizando esta pesquisa, enfatizando seu processo histórico, econômico e educacional. No capítulo II apresento os resultados das entrevistas realizadas, assim como as reflexões acerca das mesmas. No capítulo III discuto, com base em autores como Aguiar e Stropasolas, (2010) e Silva (2010), sobre a permanência dos jovens no campo e algumas questões de gênero envolvidas neste processo. Por fim, trago a conclusão de todo o trabalho ressaltando os objetivos alcançados assim como os limites encontrados no decorrer da construção do estudo.

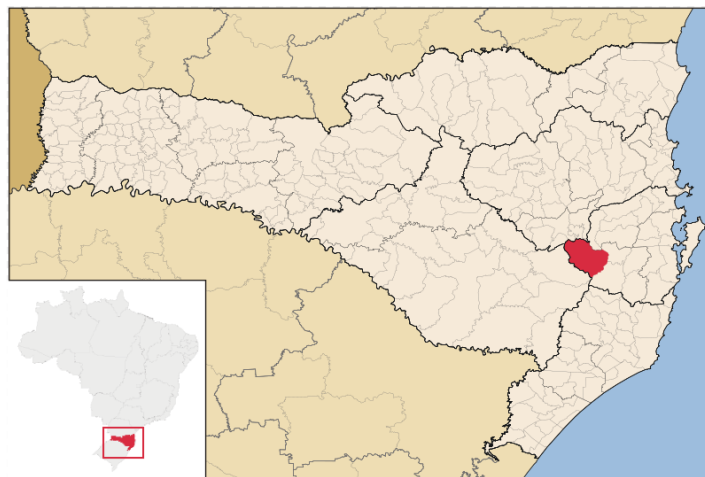
## I -ALFREDO WAGNER: HISTÓRIA E SEU CONTEXTO EDUCACIONAL.

### 1.1. CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DO MUNICÍPIO.

Para compreender melhor sobre o processo de permanência, ou não, dos jovens no município de Alfredo Wagner, é necessário conhecermos minimamente a história do município, assim como suas principais características. O contexto educacional também faz parte da história desse lugar e mostra-se importante nas decisões sobre movimentações de migração.

Alfredo Wagner – SC está localizado na região do alto vale do Itajaí em uma área entre o litoral e o planalto catarinense, estando, aproximadamente, há 105 km de distância da capital Florianópolis, segundo informações do governo do estado de Santa Catarina, e possui uma área de 732 quilômetros quadrados.

Figura1. Alfredo Wagner no mapa de Santa Catarina.



Fonte: Google Maps, 2020.

Segundo o IBGE, no censo de 2010 o município possuía 9410 habitantes, sendo que desse total, 2.868 pessoas estão na área considerada urbana do município e 6542 pessoas vivem na área considerada rural. Com esses dados já podemos questionar a classificação do município como cidade, já que 70% da população reside e vive na área rural e dos 30% restantes, que estão na área urbana, mais da metade tem relação direta ou indireta com a agricultura.

Figura 2. Mapa de Alfredo Wagner.



Fonte: Google Maps, 2020.

Alfredo Wagner é considerado um município essencialmente rural em função de sua principal atividade econômica ser a agricultura, principalmente na produção de cebola. Segundo o jornal *Capital das Nascentes*, Alfredo Wagner, na safra de 2018/2019 foi o terceiro município do país com maior produção de cebola, totalizando 68,9 mil toneladas.

Ao realizar o diagnóstico do município no primeiro ano do curso pude conhecê-lo melhor e perceber que o modo de cultivo nem sempre foi como é atualmente. Hoje, predomina a monocultura, sendo sua maior produção a de cebola. Poucas famílias produzem para o consumo próprio, o principal objetivo é a comercialização dos produtos. Sendo assim, para que a venda seja rentável e a produção por área seja maior, cada vez mais produtores recorrem as agropecuárias para compra de defensivos para debelar pragas que surgem a cada ano.

“Em conversa com pessoas idosas do município, no período de produção do diagnóstico, as mesmas relataram a forma de produção da sua época (aproximadamente nas décadas de 60 e 70). A produção se destinava a subsistência da família e o excedente era para venda local ou troca. Não usavam insumos químicos, nem agrotóxicos. Quando aparecia alguma doença na plantação utilizavam seus próprios conhecimentos para combater, como mistura de ervas, chorume de compostos ou intercalavam plantas com cheiro forte em meio a “roça” para que espantassem insetos indesejados. Sobretudo, o mais curioso é que naquela época, era muito raro surgirem doenças na planta” (CUNHA, EGER, *et al*, 2017).

O modo de produção predominante ainda é o tradicional, em propriedades com predomínio da agricultura familiar, porém com formato um pouco diferente. Atualmente as crianças não podem trabalhar, o que não ocorria antigamente, pois a relação das crianças com a produção e funcionamento da propriedade era mais próximo, atualmente há uma fiscalização muito rigorosa quanto as tarefas das crianças nas propriedades.

Segundo o Diagnóstico Socioambiental produzido por Marimon e Rocha (2014, p.96) “Alfredo Wagner registra um número de 2.018 estabelecimentos agropecuários enquanto Bom Retiro (município vizinho) apresenta um número de 625 estabelecimentos agropecuários, totalizando, respectivamente, 54.512 hectares e 75.744 hectares”. Podemos observar que Alfredo Wagner possui menor extensão e mesmo assim possui 1393 estabelecimentos agropecuários a mais que o município de Bom Retiro. Observe a tabela a seguir:

Tabela 1 – Estrutura fundiária de Alfredo Wagner e Bom Retiro.

Grupos de área	Alfredo Wagner		Bom Retiro	
	Número de estabelecimentos agropecuários (Unidades)	Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares)	Número de estabelecimentos agropecuários (Unidades)	Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares)
Total	2,018	54,512	625	75,744
Mais de 0 a menos de 0,1 ha	1	X	-	-
De 0,2 a menos de 0,5 ha	2	X	-	-
De 0,5 a menos de 1 ha	22	13	3	2
De 1 a menos de 2 ha	90	106	8	10
De 2 a menos de 3 ha	105	228	20	43
De 3 a menos de 4 ha	137	433	17	53
De 4 a menos de	107	443	20	83

5 ha				
De 0 a menos de 5 há	464	1.223	68	191
De 5 a menos de 10 ha	466	3.207	75	488
De 10 a menos de 20 ha	465	6,354	92	1.314
De 20 a menos de 50 ha	397	11.762	147	4.499
De 5 a menos de 50 há	1.328	21.323	314	6.301
De 50 a menos de 100 ha	107	7.074	98	6.862
De 100 a menos de 200 ha	41	5.662	61	8.035
De 200 a menos de 500 ha	18	6.081	49	14.616
De 500 a menos de 1000 ha	6	3.509	18	12.264
De 1.000 a menos de 2.500 ha	1	X	8	11.400
De 2.500 ha e mais	2	X	3	16.075
Produtor sem área	51	0	6	0

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário (2006).

Podemos observar que Bom Retiro possui propriedades bem maiores, sendo que geralmente são utilizadas para plantar soja, milho e trigo, usando mais mão de obra mecânica. Em Alfredo Wagner o tamanho das propriedades predomina entre 5 hectares a 50 hectares, com 1328 propriedades, portanto é composto por propriedades menores que configuram maior modo de produção focado na agricultura familiar.

## 1.2. CONTEXTO HISTÓRICO.

Alfredo Wagner era conhecido como Barracão por ser o ponto de descanso dos tropeiros que faziam o trajeto São Pedro de Alcântara a Lages para a comercialização de produtos, entre os anos de 1788 e 1790. Trajeto esse, que segundo Reis “não teve sucesso, dada a falta de núcleos populacionais de imigrantes no trajeto, conflitos com indígenas e dificuldades de relevo, sobretudo”. (2015, p.141)

Em 1853 o governo imperial cria a Colônia Militar de Santa Tereza que servia de posto de colonização agrícola e também como barreira para os indígenas. A referida Colônia foi instalada no local onde hoje fica a vila Catuíra. Os soldados também eram colonos que trabalhavam na “roça”. Com isso, a região foi se fortalecendo e poucos anos mais tarde já estava povoada por descendentes de alemães e italianos que vieram em virtude da expansão do comércio que estava acontecendo devido à passagem dos tropeiros.

Porém, preciso destacar que a região, na verdade, já estava habitada muito antes disso, segundo Reis,

(Há) Uma série de relatos de antigos moradores que atestam a presença indígena, desde o início do século XX, no atual território de Alfredo Wagner e de municípios próximos – Angelina, Anitápolis, Rancho Queimado. Especialmente para o contexto alfredense, vale destacar que os relatos mencionam contato com indígenas nas localidades de São Leonardo, Lomba Alta, Arroio do Boi e Caeté. (REIS, 2015, p.143).

Ao realizar as pesquisas para a produção do diagnóstico do município em 2017 tivemos relatos de histórias de lutas entre indígenas, chamados de “bugres (fazer uma nota de rodapé sobre o significado de bugre, alerta dado pelo Edson na banca)”, da região e os colonos que aqui chegavam. Houve uma resistência por parte dos indígenas que não queriam perder seu território, muitos, inclusive, eram mortos a sangue frio como animais.

Para que a colonização acontecesse, uma Companhia Colonizadora, por parte do governo imperial foi instalada na região. A Companhia era responsável por vender as terras para os colonos e para isso, tinha que “dar um jeito” nos “bugres” que ali estavam.

Para dar segurança aos colonos que se fixavam em Ituporanga e Barracão, Martinho foi nomeado gerente da Cia. Colonizadora Santa Catarina, por seu diretor, coronel Carlos Poeta. Entre 1923 e 1928, Martinho esteve a serviço do agrimensor de terras Carlos Miguel Koerich, que fazia seu trabalho nas regiões de Barracão, Anitápolis, Esteves Junior, Angelina e Brusque. Participou contra a Revolução Constitucionalista de 1932, oportunidade em que, estando aquartelado em Itararé, deu um depoimento dizendo que em Santa Catarina “tinha liquidado muitos bugres”. (ROCHA e MAMORIM, 2014, p.64).

Segundo relatos, Martinho Bugreiro, como era conhecido, matava os indígenas e arrancava-lhes as orelhas para depois poder contar quantos tinha abatido. Triste história que é realidade não apenas do nosso município, mas de todo o nosso país, a partir dos processos de colonização.

Alfredo Wagner se emancipou em 21 de dezembro de 1961, deixando de pertencer ao município de Bom Retiro. Seu primeiro prefeito foi Alfredo Wagner Junior, filho de Alfredo Henrique Wagner. E que segundo Pereira,

desempenhou também copioso espírito altruísta e comunitário, tornando-se líder na região. Como capelão, viabilizou a construção de igreja e escola para a vila, doando área de terra além de objetos sacros. Foi um incansável trabalhador dedicando-se até os últimos anos de vida ao progresso no município que hoje leva seu nome. (PEREIRA, 2013).



Agora, podemos adentrar um pouco na educação de Alfredo Wagner, conhecendo seus aspectos, avanços e desafios, no seu processo histórico.

### 1.3. CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO ALFREDENSE.

A educação do município de Alfredo Wagner passou por mudanças ao longo dos anos. Em meados do século XIX as escolas eram predominantemente “isoladas”, ou seja, escolas pequenas em que uma professora lecionava todas as disciplinas para turmas de primeira à quarta série. Estas escolas eram numerosas e ficavam localizadas nas comunidades do interior do município, sendo assim, as crianças podiam ir a pé, pois a escola acabava ficando próxima de suas casas.

Com o passar dos anos as escolas isoladas (multisseriadas) acabaram sendo fechadas e as crianças remanejadas para a escola da sede do município. No ano de 2000 foi construída a Escola Básica Passo da Limeira, uma escola municipal nucleada, localizada a beira de uma SC e de “fácil acesso” para várias comunidades, com a finalidade de acolher no campo os estudantes de diversas escolas que foram fechadas. Atualmente esta escola atende cerca de 480 estudantes do pré-escolar ao nono ano, crianças essas que anos atrás estariam estudando em escolas menores próximas a sua casa. Atualmente, para que as mesmas cheguem até a escola precisam usar o transporte escolar, o que muitas vezes acaba prejudicando seu desempenho escolar pois muitas dessas crianças viajam mais de trinta quilômetros para chegar a escola, em alguns casos saem de casa muito cedo antes de tomar café da manhã ou almoçar. A má condição das estradas também faz com que nos dias de chuva os estudantes falem a aula.

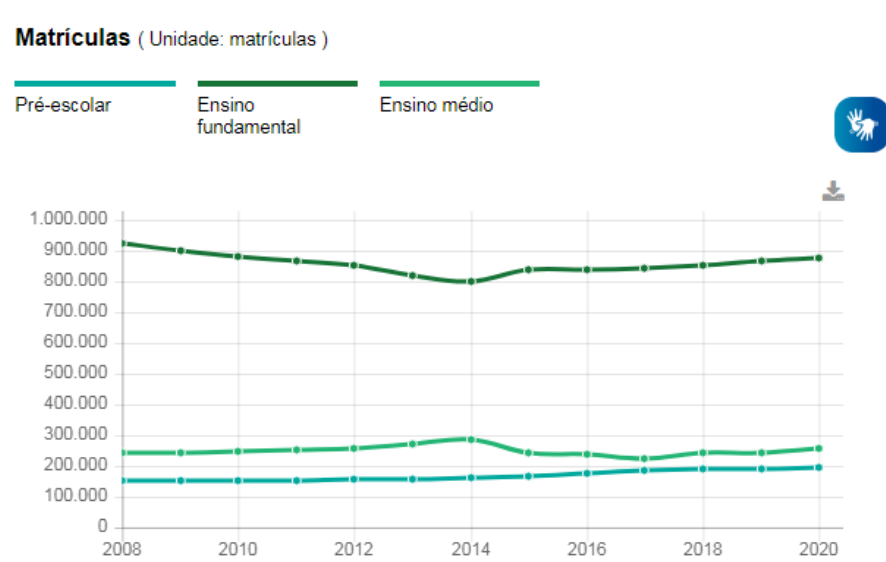
Além da E. B. Passo da Limeira, também existe a E. E. B. Silva Jardim, uma escola estadual que atende aproximadamente 980 estudantes do pré-escolar até o ensino médio, inclusive esta é a única escola do município que oferece ensino médio e está localizada no núcleo urbano da sede do município

De acordo com a Secretária de Educação do município, em 2017, a decisão para a centralização de todas estas crianças em uma escola se deu devido a promessa governamental de que o município receberia recursos adicionais, podendo investir em educação melhorando cada vez mais sua qualidade. O problema é que aconteceu o contrário. No início o município ate recebeu recursos, porém hoje gasta tudo na manutenção do transporte escolar que desloca

as crianças e jovens do interior dos municípios para as escolas. Como afirmou a ex-secretária, “foi um tiro no pé” (CUNHA, C. BRANGER, EGER, V. S., 2017, p.55).

Ao realizar o diagnóstico do município e também os estágios nas escolas pudemos perceber que muitas crianças e jovens deslocam-se de suas casas à escola com ônibus escolares ou com o uso de transporte terceirizado. A Escola Passo da Limeira possui estudantes que viajam quase 40 quilômetros para chegar na escola. Esse mesmo estudante quando chegar a cursar o ensino médio, precisará viajar mais 15 quilômetros para estudar. Será que esse pode ser um dos motivos que desmotivam os jovens a continuar os estudos ou migrar para uma cidade grande?

Gráfico 1: Matrículas nas escolas de Santa Catarina (2008 á 2020)



Fonte: IBGE 2020.

Analisando o gráfico referente ao estado de Santa Catarina podemos perceber que em 2016 houve mais de 838 mil matrículas realizadas para o ensino fundamental e em 2020 cerca de 254 mil matrículas no ensino médio, confirmando que a taxa de estudantes que são matriculados no ensino fundamental não é proporcional a taxa de jovens matriculados no ensino médio, sobretudo sendo uma diferença muito expressiva. Podemos então nos perguntar onde estão estes jovens que acabaram se perdendo no caminho?

Segundo Marimon e Rocha (2014, p.126) em seu diagnóstico socioambiental baseado nos municípios de Alfredo Wagner e Bom Retiro

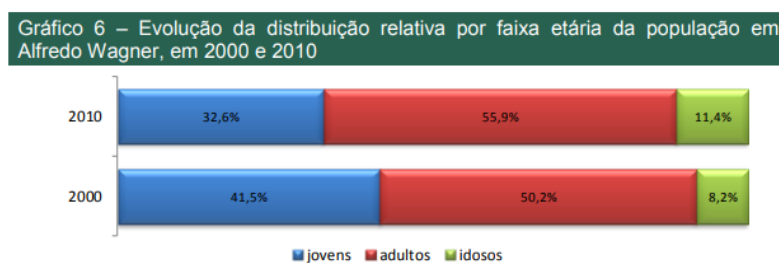
Os maiores percentuais de acesso e frequência se dão no ensino fundamental onde tanto Alfredo Wagner quanto Bom Retiro apresentam taxas de aproximadamente

90%, pouco abaixo da taxa estadual que é de 95%. Nos demais níveis de ensino esses valores são reduzidos a menos que a metade para o Ensino Médio e menos de 4% para o ensino superior.

Em Alfredo Wagner, assim como na maioria dos municípios pequenos e essencialmente rurais é pequena a oferta de ensino superior. Em nosso município possuímos apenas um estabelecimento particular que oferta ensino superior em formato semi-presencial. Não temos ensino superior público, a não ser a turma de Licenciatura em Educação do Campo da UFSC, da qual faço parte, e que está concluindo o curso no presente ano.

Todavia, para os jovens que queiram permanecer no município e continuar os estudos no ensino superior lhes restam as opções de cursar o ensino superior de forma semi-presencial, ou então alguns jovens frequentam a universidades de forma presencial no município de Lages-SC que se localiza a, aproximadamente, 100 km de Alfredo Wagner. Esse difícil acesso ao ensino superior acaba impulsionando muitos jovens a saírem do município, como podemos perceber no gráfico abaixo:

Gráfico 2: Evolução da distribuição relativa por faixa etária da população em Alfredo Wagner, em 2000 e 2010.



Fonte: Sebrae, 2013.

Podemos notar a diminuição do percentual de jovens presentes no município de 2000 para 2010. Sabemos que existem vários fatores que contribuem para esta migração. Porém neste trabalho avaliaremos, de forma mais específica, questões educacionais e das propriedades com base no relato dos jovens.

## **II - RESULTADOS DA PESQUISA COM DOIS JOVENS DE ALFREDO WAGNER: RELAÇÕES ENTRE A PROPRIEDADE E SUA PERMANÊNCIA NO CAMPO.**

Este capítulo apresenta os resultados das entrevistas realizadas com os dois jovens, ambos constituintes da agricultura familiar. Descrevo a seguir os resultados obtidos em conversas realizadas com cada um deles, descrevendo primeiramente a propriedade na qual vivem, e a forma de agricultura que desempenham juntamente com suas famílias. Por conseguinte, descrevo suas trajetórias escolares e a perspectiva de permanência, ou não, no campo.

### **2.1. – O JOVEM SUCESSOR DO PAI NO PLANTIO DE FUMO.**

Como já destaquei anteriormente, esta entrevista foi programada para ser realizada apenas com o jovem, porém ao chegar na propriedade me deparei com toda a família disposta a contribuir, sendo assim, nos sentamos em uma grande roda e pude realizar uma interessante conversa com todos os membros da família, o que trouxe ricas informações para este trabalho.

O primeiro entrevistado (SILVA, 2021) se trata de um jovem de 20 anos que atua na propriedade dos pais produzindo fumo. Ele reside na localidade de Chapadão Paulo Saturno, interior de Alfredo Wagner. Na residência da família moram a mãe (44 anos), o pai (50 anos) e três irmãos mais novos (um jovem de 16 anos, um menino de 11 anos e uma menina de 6 anos), totalizando seis integrantes na casa.

O jovem entrevistado é o filho mais velho, e é ele quem mais trabalha com o pai na produção. Está namorando e já pensa na sucessão da produção, por esse motivo já investiu na compra de um “pedaço de terra para produzir sozinho” e para, “em um futuro próximo, construir uma casa e se casar”. Ele pensa em continuar com o mesmo modo de produção de seu pai, através da plantação do fumo. Sobre os estudos, acredita que não há porque continuar estudando, pois “tudo o que precisa saber já aprendeu com seu pai e aprende todos os dias na lida da roça”.

Já o irmão de 16 anos está estudando no nono ano do ensino fundamental e também diz gostar muito do trabalho na propriedade, entretanto ele pretende estudar até concluir o ensino médio, pelo menos. O terceiro filho, com 11 anos está no sexto ano do ensino fundamental e disse que “vai fazer faculdade”, ele também trabalha na propriedade cuidando

dos animais e diz gostar muito da vida na roça. A menina mais nova de seis anos está no primeiro ano dos anos iniciais e ainda não trabalha na propriedade, a mãe diz que ela não é ligada a tecnologias e que vive na rua brincando pela propriedade até nos dias mais frios. O pai tem raízes na agricultura convencional, herdou isso de seu pai e está passando os ensinamentos para seus filhos. Ele produz fumo e afirma que a vida é sofrida, mas que a propriedade dá a família o que precisam.

Por fim, a mãe trabalha na produção, na casa e ainda possui um trabalho de meio período fora da propriedade. Ela é a única que diz não gostar de viver ali e que pelo seu desejo, já teriam saído.

### **2.1.1. . A propriedade: agricultura familiar por meio da produção do fumo**

A terra onde a família vive e trabalha possui uma extensão de 4,5 hectares. É própria há 18 anos, mas já trabalham na mesma terra há 22 anos, quando ainda viviam com seus avós, antigos donos da terra. A mesma foi adquirida no formato de herança dos avós do jovem entrevistado, pais de seu pai, que por ser filho homem acabou herdando as terras.. Podemos perceber nas questões de sucessão de terras que há um forte viés de gênero em que o homem é ensinado a trabalhar e preparado para comandar a propriedade posteriormente. O mesmo ocorre na propriedade da família, em que o pai com os dois filhos mais velhos fazem o “trabalho pesado na roça”, a mãe “ajuda” quando pode e as crianças menores também “ajudam” sem ter seu trabalho contabilizado financeiramente.

Segundo Aguiar e Stropasolas, (2010 p.162), “o adjetivo ‘pesado’ refere-se ao esforço físico exigido no cultivo do fumo, considerado uma cultura exigente em trabalho e mão de obra intensiva”. Sendo assim, a mãe e as crianças acabam tendo uma menor participação por não se enquadrarem como mão de obra para este tipo de trabalho.

Quando questionados sobre a divisão do trabalho na propriedade, todos afirmaram que apenas os quatro mais velhos trabalham (pai, mãe e os dois filhos mais velhos), sendo que o trabalho da mãe na propriedade acontece apenas no período da tarde e na produção acaba ficando menos tempo que os demais, já que ela é quem faz o serviço de casa e ainda trabalha meio período fora da propriedade, portando seu tempo dedicado à produção é menor. Mesmo que afirmem que as mulheres não fazem o trabalho pesado, o volume de trabalho desenvolvido é similar a dos demais integrantes da família.

Os dois filhos mais novos (6 e 11 anos) “não fazem nada”, diz a família. Entretanto, no decorrer da conversa relataram que o menino de 11 anos é o responsável pela alimentação de todos os animais da propriedade, desde os bezerros pequenos, patos, cavalos até o gado maior. Inclusive, é ele quem tira o leite da única vaca que possuem para o uso familiar. Esse trabalho não contabilizado como produtivo, faz com que os demais integrantes possam dedicar mais de seu tempo para a produção, ou seja, uma função muito importante para a agricultura familiar. Não posso afirmar que o trabalho com os animais é pouco considerado e contabilizado por todos da casa ou se a pressão exercida na comunidade pelo Conselho tutelar na fiscalização sobre o uso de mão de obra infantil leve a essas declarações.

O pai é quem herdou as terras e já vem de uma família em que os homens são os que se dedicam ao “trabalho pesado” e são responsáveis pela produção. Na família ninguém hesitou ao afirmar que é o pai quem dá a palavra final e toma as decisões de toda a produção, e que os dois filhos mais velhos que atuam na propriedade acabam participando das decisões tomadas. Já a mãe acaba ficando mais de fora devido seu trabalho não ser estritamente focado na produção e também por ser mulher e pertencermos a uma sociedade extremamente patriarcal

Como afirma Aguiar e Stropasolas (2010, p.165), embora a mulher circule e participe da produção, é considerado um espaço masculino devido a classificação de trabalho pesado e sujo. Portanto o homem acaba tendo a legitimidade para exercer sobre ele o seu controle, tomando as decisões e centralizando os recursos financeiros que venham a ser gerados nesse espaço.

Atualmente, na propriedade se estabelece o processo de produção de fumo - sob a forma de contrato com uma empresa que fornece as sementes para iniciar o cultivo, assim como um agrônomo para acompanhamento da produção; e quando o produto está colhido e pronto para venda, é a mesma empresa quem faz a compra do produto. O contrato estipula a obrigatoriedade de venda do produto para a empresa, sendo proibida a comercialização para outra empresa ou pessoas individualmente. Dessa forma eles ficam diretamente ligados a empresa e sem o poder de minimamente controlar o valor de oferta do que é produzido. Podemos supor que a produção de fumo nas pequenas propriedades fortalece a produção da monocultura.

Além do cultivo do fumo, a família planta milho que é destinado para a alimentação dos animais da propriedade e eventualmente plantam aipim e batata doce para consumo da

família. A mãe é responsável pela produção de hortaliças e inclusive faz o processo de compostagem para não utilizar nenhum tipo de insumo químico na horta.

Embora demonstrem saber dos cuidados e riscos quanto ao uso de defensivos agrícolas na produção das hortaliças, a produção do fumo é feita no formato de agricultura convencional, com o uso de adubos químicos e agrotóxicos. Contradição importante a ser destacada já que o uso desses produtos no solo e no ar, compromete a produção das hortaliças

Para não esgotar os nutrientes do solo, eles utilizam da prática de rotação de culturas, trocando as culturas de lugar a cada plantio. Por exemplo, a terra onde o fumo foi plantado no ano anterior, este ano é plantado milho, não deixam nenhuma terra parada, mas procuram sempre trocar os lugares para não empobrecer demais o solo.

Um problema relatado pela família é a falta de água. Segundo o pai, existem pouquíssimas nascentes no terreno, inclusive a casa está sendo abastecida pela nascente do vizinho por meio de uma bomba que faz com que a água chegue até eles. Recentemente a família se uniu para tentar resgatar uma das nascentes do terreno, cercando e plantando mais árvores ao seu redor. Relataram que acreditam que esteja dando certo, e que embora ainda não estejam tirando água da mesma, o fluxo de água já está mais forte que no último ano.

### **2.1.2. Por que os jovens muitas vezes saem do campo?**

Os jovens desta família, afirmaram não pretender, “de jeito nenhum”, sair da localidade em que moram e isso acabou me surpreendendo bastante, pois mesmo vindo de uma prática de agricultura convencional, que possui apenas uma renda por ano e apesar das dificuldades de trabalhar por dia com vizinhos para “complementar” a renda, aquele é o lugar que eles querem estar e que pretendem permanecer.

Questões financeiras são aspectos muito importantes e pertinentes nas discussões sobre a permanência dos jovens no meio rural. Segundo Aguiar e Stropasolas,

De um modo geral, comunga-se a opinião de que a agricultura não tem conseguido proporcionar a obtenção de uma renda suficiente para garantir a reprodução da família. O constante aumento dos custos de produção (adubo, veneno, etc.), sem que seja acompanhado pelo aumento no preço dos produtos agrícolas, resulta no baixo rendimento da atividade agrícola.” (2010, p.161)

No mesmo sentido, a família confirma que a mãe, neste último ano, precisou procurar um trabalho fora da propriedade como faxineira da escola mais próxima da região - é

a única que possui uma renda externa. Por ser mulher ela acaba ficando sem acesso ao dinheiro da propriedade, já que é o marido quem movimenta a conta no banco e administra o dinheiro da safra.

Ela, como a maioria das mulheres do campo, exerce uma multiplicidade de funções que permite que a produção da propriedade não seja comprometida. Seu trabalho acaba sendo triplicado, pois trabalha fora para ter dinheiro para suas próprias despesas, cuida sozinha de todos os afazeres da casa e ainda trabalha na produção. Contudo, a mãe é a única que diz “não gostar da roça”, por ela já teriam saído e tentado a vida na sede do município, porém o marido e filhos gostam do lugar em que moram e do trabalho que exercem.

Ainda falando sobre a questão financeira, a família relata que consegue se manter do trabalho da agricultura - “não dá pra ficar rico, mas dá para viver bem” -, porém ainda assim precisam de renda extra para manter as necessidades da família. A mãe relata que não utiliza seu salário na produção, mas com ele consegue ter seu “dinheirinho” sem precisar ficar pedindo para o marido.

Mesmo os jovens da família querendo permanecer no campo e trabalhando na agricultura, a família foi unânime em dizer que um dos maiores motivos de tantos jovens migrarem para a cidade é a falta de incentivo, principalmente governamental.

Não há incentivo para que os jovens diversifiquem a produção, algo que não seja o fumo ou a cebola. Já pensaram em plantar kiwi ou groselha mais o único incentivo que tiveram foi: - “planta e depois a gente vê o que dá!” – disseram-lhes as autoridades do município. “O agricultor familiar não pode plantar e investir primeiro para depois ver se dá”.

A família mora há mais de 30 km da sede do município, dessa forma o escoamento dos produtos fica ainda mais difícil, “não há como plantar sem saber se vai ter venda, sem saber como levar para vender”.

“A estrutura fundiária também é considerada um fator limitante para a permanência do(a) jovem no meio rural. O tamanho da propriedade familiar e as próprias condições financeiras da família não permitem que todos os filhos permaneçam na agricultura como proprietários de terras” (AGUIAR E STROPASSOLAS, 2010,p.162).

Neste mesmo sentido o filho mais velho (SILVA, 2021), hoje com 20 anos, conseguiu por meio do banco um empréstimo para compra do “seu pedaço de terra”, vizinho ao da família. Agora ele poderá começar a produção na sua propriedade e se desvincular um pouco mais da renda do pai. Como a propriedade da família é pequena, essa é a forma de garantir sua sucessão e independência. Sobretudo ele acredita que o incentivo bancário foi



vantajoso, pois ele comprou a terra e tem um prazo de até dez anos para pagar. Caso ocorra alguma intempérie climática o banco estende por mais um ano sem acréscimo de juros. O problema é que este tipo de financiamento não é destinado a todos, vem apenas cotas limitadas para cada município. Então, muitas vezes pessoas que não pretendem ficar no campo acabam utilizando dessas cotas para outras finalidades que não seja o de permanecer na agricultura, tirando a oportunidade de quem quer ficar, usando, por exemplo, o dinheiro para fazer sítios para alugar em vez de investir em produção e permanência dos jovens na agricultura.

A família já pensou também em plantar verduras, tendo assim a oportunidade de criar uma pluriatividade na propriedade gerando mais renda. Ainda, segundo Aguiar e Stropasolas, (2010, p.163) “como já destacado por alguns pesquisadores, a pluriatividade se constitui num indispensável complemento para a renda da população rural, de maneira a garantir a manutenção do grupo familiar no campo”.

Entretanto, segundo a família, não tem como escoar a produção, não existe atravessador para fazer este trabalho e segundo relatos de amigos que tentaram esse tipo de atividade não obtiveram bons resultados, pois os atravessadores tiram praticamente todo o lucro do produtor ou o custo de transporte.

Falando sobre o lazer dos jovens da casa, os meninos possuem mais opções de para frequentar que as meninas. Eles costumam ir aos campos de futebol em comunidades próximas quando sobra tempo no final de semana. O jovem mais velho da casa, que já tem namorada, quando saem juntos, costuma passear na casa dos parentes como lazer ou as vezes vão até a pracinha da sede do município tomar um sorvete (que fica a aproximadamente 30 km da propriedade).

O jovem, de 20 anos (SILVA, 2021), relata que gosta muito de onde vive e do trabalho que desempenha, e que apesar das dificuldades não pretende, “de jeito nenhum, migrar para a cidade”, agora que conseguiu comprar seu próprio pedaço de terra está muito feliz em ter a oportunidade de evoluir. Sua namorada, que também estava presente na conversa disse que pretende cursar agronomia, mas não para sair da propriedade e sim para agregar conhecimento a sua produção.

Um dos pontos negativos é o precário acesso a internet - conseguem acessar apenas a internet de dados do celular, pois não possuem wi-fi devido a distância e mal sinal para instalação de internet residencial.

O jovem entrevistado parou de estudar faltando dois meses para completar o terceiro ano do ensino médio, no primeiro ano de pandemia da COVID- 19. Segundo ele, o ensino não estava sendo de boa qualidade por ser a distância e ele não ter um bom acesso a internet, então acredita que não faria diferença para sua vida continuar e concluir o ensino médio. Para ele todo conhecimento de que necessita adquiriu na prática, nos anos de experiência que trabalhou com seu pai na lavoura. Diz que muitos técnicos formados que estiveram na propriedade sabiam menos que eles, pois lhes faltava experiência. Sendo assim, considera que já possui bastante conhecimento de como lidar com a terra, através da convivência com seu pai, e por isso pretende plantar fumo para venda também em sua nova terra e milho para o gado, seguindo o mesmo modo de produção de seu pai.

Em relato, o jovem destaca que na maioria das vezes, o que é ensinado na escola não é essencial para quem quer continuar trabalhando no campo. Acredita que nada do que aprendeu no ensino regular faz sentido para utilização na propriedade. Dessa forma, quando se fala em continuidade dos estudos para quem mora no campo, subentende-se que esse jovem pretende sair.

Atualmente, como professora do ensino fundamental II em uma escola da região, pude observar que esse é o discurso corrente entre os jovens na escola que atuo. Afirmam eles que o modo de ensino não faz sentido para a sua vida, não agrega ao trabalho no campo. Portanto, para mim cada dia é um grande desafio chegar na sala de aula e fazer com que aquela aula, mesmo minimamente, faça sentido para aqueles jovens do campo que ali estão.

Concordo com o jovem quando ele diz que há uma distância muito grande entre o que é ensinado na escola e o que ele precisa no seu trabalho na propriedade, entretanto isso não se refere aos professores, mas sobretudo, a formação que lhes é oferecida. Acredito que se o sistema todo levasse em consideração as áreas de conhecimento, por exemplo, muitos avanços poderiam ser feitos. Outra coisa seria ampliar o modo como a Educação do Campo vislumbra o processo de formação de qualidade para esses estudantes conseguirem relacionar o que aprendem na escola com suas vivências, em todos os níveis de ensino, assim como tentar minimamente preparar esses jovens para a vida em sociedade, para lutar por seus direitos e para tomar suas decisões “ao afirmar a luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, e a uma educação que seja no e do campo. (CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B, 2012, p.259).

## 2.2. . JOVEM, MULHER, AGRICULTORA FAMILIAR AGROECOLÓGICA E GESTORA DA PROPRIEDADE.

A jovem entrevistada (GOES, 2021) possui 27 anos, agricultora, finalizando seu último semestre do curso de Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mora na localidade de Invernadinha, comunidade localizada a, aproximadamente, 29km da sede do município. A propriedade em que vive possui dezesseis hectares ao todo e nesta propriedade vivem ela, seu marido e seu filho de seis anos. Em outra casa, (aproximadamente 500 metros de sua) moram seu pai, sua mãe e seu irmão mais novo, agora com 19 anos.

A terra onde vivem pertence ao pai dela, entretanto sempre trabalhou junto com seus pais na produção de cebola orgânica e desde que se casou (há nove anos), ela e seu marido continuaram trabalhando juntos com a família até conseguir construir uma casa e começar, aos poucos, a cultivar sua própria produção.

A entrevistada diz “adorar viver na propriedade e que jamais pensa em sair de lá”. Mais do que isso, deseja que seu filho permaneça lá também, pois gosta muito da vida que leva, apesar das dificuldades. O curioso é que a mesma saiu da propriedade para tentar uma “vida melhor” em outro município (Rio do Sul) quando completou dezoito anos. Após um ano resolveu retornar à propriedade, foi então que se casou e passou a cultivar nas terras de seu pai, em uma área que anteriormente era utilizada como pastagem.

Ela relata que saiu porque não via perspectiva de crescimento pessoal e profissional na propriedade. Lembra-se de um tio que foi trabalhar na sede do município e conseguiu comprar um carro, sendo assim, acreditava que para conseguir o mesmo teria que ir para a cidade também. Contudo, não foi o que aconteceu, ela ficou um ano morando fora e não encontrou o que buscava, portanto acabou voltando para propriedade e foi lá que encontrou essa “vida melhor” que tanto procurava.

Além da família que mora na propriedade, ela possui uma irmã mais velha que mora em Florianópolis. Por dois anos tentou, junto com o marido, trabalhar na “roça”, plantaram fumo, mas, não tiveram êxito e resolveram ir embora para a “cidade grande”.

Seus pais cultivam produtos orgânicos há bastante tempo, entretanto antigamente produziam bastante cebola orgânica e poucas culturas além dessa. Com o tempo ela foi percebendo que esse modo de produção não trazia rendimento suficiente para a família, pelo

contrário, trazia muita dor de cabeça e gastos. Ela resolveu então começar a anotar os custos e ganhos da produção e a conta não era satisfatória, “não havia porque continuar”, disse ela.

Atualmente plantam, alface, salsinha, cebolinha, coentro, agrião, espinafre, brócolis, couve flor, cenoura, abobora, feijão, variedade pimentas, chás, tomate, batata, batata inglesa, pimentão, banana, cítricos, frutas, limão, abacate, chuchu, beterraba, cenoura, milho, fazem também geleia, entre muitos outros produtos, tudo orgânico. Aos poucos a família foi diminuindo a quantidade que produzia, porém diversificando muito mais. E desta forma foi dando certo, a conta passou a ficar positiva e as duas famílias estão conseguindo viver bem e adquirindo melhoras na propriedade.

Ela acredita que o segredo é “ter coragem”. Disse que aprendeu desde criança que se não plantasse cebola morria de fome, mas quando tiveram a coragem de mudar conseguiram melhorar de vida. Quando plantavam apenas a cebola orgânica não dava certo, pois demorava seis meses para a cebola ficar boa para a comercialização, além disso, tinham que levar a produção em São Paulo porque ninguém vinha buscar, e na região não havia comércio de cebola orgânica. Tudo isso resultava em muitos gastos e problemas.

Então, aos poucos foram mudando. Ela disse que “bateu o pé” e enfrentou a família dizendo que não ia mais plantar aquela grande quantidade de cebola que não dava nada. Depois de muita conversa, começaram, aos poucos, a plantar em menor quantidade e maior qualidade, um pouquinho de cada coisa.

Ela lembra que seu pai ficava assustado, pois estava acostumado a plantar cebola em grande quantidade e vendo apenas poucas mudas sendo plantadas ficava apavorado. Perceberam então que quanto mais diminuía a quantidade, mais conseguiam aumentar a qualidade e ganhar mais. Com uma produção menor, conseguiam cuidar com mais atenção de cada canteiro, caprichar desde o plantio até a colheita, realizar o preparo para a venda. Com isso puderam agregar maior valor ao que era produzido.

Um dos fatores que, segundo a entrevistada, possibilitou agregarem mais ao novo modo de produção foram os conhecimentos advindos do curso de Licenciatura em Educação do Campo. A concepção de vida trazida pelo curso, assim como seus incentivos a práticas agroecológicas mudaram o seu modo de pensar, a sua vida e a fizeram uma pessoa melhor. Ela lembra que todas as noites quando chegava em casa ia até a casa de seus pais contar o que tinha aprendido na aula daquele dia. Foi dessa forma, que seu pai acreditou na sua força e capacidade para agregar a produção.

O EDUCAMPO incentiva muito mais que práticas de um plantar agroecológico, incentiva a tomar decisões em coletividade, respeitar ao próximo, respeitar o nosso planeta e tudo isso foi essencial para seu desenvolvimento e melhoria na propriedade.

Além de todos os produtos mencionados anteriormente, eles possuem também produção de leite e galinhas poedeiras, seu pai é responsável por tirar o leite e fazer o queijo para ela vender e ele também é quem cuida das galinhas. Já os animais que pertencem a eles é o marido dela é responsável. A mãe é responsável pela horta de verduras e de chás, e tudo na propriedade é produzido de forma orgânica, desde as verduras e chás até a alimentação e tratamento dos animais.

As tarefas cotidianas de plantio e o cuidado com os animais são divididas. No entanto, os afazeres da casa são de responsabilidade das mulheres, ela e a mãe, cada uma cuidando da organização e limpeza de tudo. Seu pai, irmão e marido já mudaram muito seu modo de pensar devido as intervenções dela na família, entretanto quando o assunto é a limpeza da casa ela diz que ainda não conseguiu avançar muito.

Questionada sobre se ela possui uma horta em casa, relata que a sua horta vem da sua produção e que tudo isso faz com que a família economize muito no mercado, “compram apenas o essencial que não dá de plantar, como carne, trigo, sal e a cerveja do final de semana”.

Sobre a produção deste ano, no momento, os pais dela são quem mais plantam, eles estão comprando produtos orgânicos do Rio Grande do Sul e revendem aqui na região. Compram tudo orgânico e vão toda quarta feira e todo sábado em Florianópolis fazer as vendas. Nas quartas feiras entregam cestas prontas por encomenda e aos sábados fazem uma feira dentro de um condomínio fechado em um bairro de Florianópolis (capital). Relata que começou comercializando com um grupo de cinco pessoas pelo whatsapp. Essas cinco foram indicando para outras pessoas, que também foram indicando e atualmente estão com quatro grupos de whatsapp, dois deles com 250 participantes cada um. Inclusive já tentaram vender aqui na região, mas não conseguiram - muitos dizem que não tem diferença do orgânico para o tradicional e “não fluiu”.

Considerando o trabalho que exercem hoje, a entrevistada concorda que se não tivessem o carro para fazer o transporte dos produtos já haveria desistido, pois se precisasse pagar para transportar não seria viável e como a venda na região é insuficiente – “muito fraca”, não conseguiria manter a propriedade nem a produção.

Questionei então como fizeram para adquirir o carro que possuem hoje para transporte dos produtos e se foi fácil fazer a aquisição. Recordou que no primeiro ano foi bem difícil, pois não estavam conseguindo comercializar e a renda girava em média de 300 reais por mês. Conseguiram se manter apenas, porque seus pais ajudavam financeiramente e não cobravam por usarem das suas terras para o cultivo. “Não tínhamos nem carro para passeio, apenas uma moto velha que não tinha nem documento”, lembra. Percebendo a necessidade de um carro para o transporte dos produtos e realizar as entregas, começaram a pesquisar e gostaram muito da “Ducatto” – um utilitário - pelo tamanho e praticidade. Porém o preço não era muito acessível. “Lembro que era cento e poucos mil e a gente não tinha nem dois mil, quanto mais cem!” lembra. Então tiveram a ideia de financiar e assim fizeram, a prestação ficou 2 mil e quinhentos reais, aproximadamente, e eles não tinham nada desse montante. Trabalharam nos trinta dias e conseguiram com o transporte de seus produtos render o suficiente para pagar a primeira parcela - depois disso foram só crescendo. Ela recorda que os vizinhos não acreditavam que daria certo, “a prestação do meu carro é 400 reais e tem meses que eu não tenho, imagina se vocês vão conseguir uma prestação tão alta dessas!”, disse um dos vizinhos. Tudo isso acabava desmotivando, mas não desistiram.

Hoje, eles já estão no “segundo carro -Ducatto”, que conseguiram comprar novo “zero km”. Ela diz que ainda não é fácil, mas já estão mais estabilizados e conseguindo viver bem. Por isso, reafirma que falta coragem e muitas vezes também o apoio para que a mudança e consequente evolução aconteçam.

Como já mencionei, toda a propriedade é organizada para um modo de produção orgânico, portanto adotam várias práticas de agroecologia e costumam aproveitar tudo o que podem da propriedade, um exemplo é quando cortam a grama, os restos jogam na roça para cobrir e enriquecer o solo. Também fazem composteira para usar na propriedade, porém quando precisam em muita quantidade acabam comprando o composto pronto. Fazem rotação de cultura, descanso de solo, o terreno tem muitas nascentes e todas estão cercadas ao redor para o gado não pisotear e afetar a nascente.

Autores como Abromovay,( et al, 2004) reafirmam o patriarcado fortemente presente no campo.

A posição dos jovens homens no processo sucessório no interior da família, a penosidade da atividade agrícola e a não participação das jovens nas discussões sobre o futuro da propriedade têm sido apontados como fatores que, por um lado, afastam as jovens da atividade agrícola, favorecendo a migração para o meio urbano e, conseqüentemente, a ampliação do nível educacional e, por outro, contribuem para a masculinização da população rural (Abramovay et al, 2004)

A gestão e tomada de decisões da propriedade geralmente recai ao pai da família. Supreendentemente, na propriedade visitada, quem toma as decisões é a entrevistada, tanto na produção da sua casa quanto na casa do seu pai. Ela é chamada para participar e opinar em tudo o que acontece na propriedade desde que conquistou a confiança dos mesmos com suas ideias de mudanças.

Falando em mudanças, nada é estático e a propriedade da família também se mantém em constante evolução. Recentemente ela teve a ideia de construir chalés na sua propriedade, pois muitos dos seus clientes adoram vir até a sua casa conhecer de onde vêm os produtos que eles consomem. Dessa forma ela pensa, junto com a família, em construir chalés para alugar para esses clientes para que eles possam ficar e comprar seus produtos ali mesmo. Pois assim, eles veem o valor que tem na sua produção, naquele lugar, na natureza que ali compõe.

Sobre a renda, ela diz que a renda que vem da propriedade é sim suficiente para viver bem e que daquelas terras tiram seu sustento e ainda conseguiram, com muito esforço, adquirir muitas coisas, atualmente estão aumentando sua casa e a família está muito feliz com as melhoras. Além do utilitário possuem um carro de passeio, uma moto, duas tobatas (microtratores). Seu pai possui um carro de passeio e um utilitário para comercializar as verduras também.

Voltando a falar sobre a licenciatura em Educação do Campo, ela diz que o curso

abriu meus olhos para muitas coisas e ajudou muito no desenvolvimento de nossa produção orgânica. O modo de pensar mudou muito, pois via sentido naquilo que estava aprendendo para a sua vida. Os conteúdos e discussões trazidas no curso serviam para muito além de alguém que pretenda apenas ser professor, são ensinamentos úteis para a vida e mais que isso, para a vida no campo. (GOES, 2021)

A entrevistada acaba lembrando como foi sua experiência no ensino básico e segundo o relato foi muito diferente da experiência da universidade. O ensino básico a frustrou muito, pois os professores não incentivavam quem queria “ficar na roça” a estudar, mas incentivavam quem queria ficar no campo a estudar para sair e ir para a cidade. Tudo isso acabava, de certa forma, humilhando os filhos e filhas de agricultores que pretendiam seguir a profissão dos pais. Além desses discursos presentes na escola, a forma como os conteúdos são abordados não fazem, na maioria das vezes, sentido para a vida, por isso muitos estudantes do campo acabam abandonando seus estudos no meio do caminho. Ela mesma, inclusive, lembra que era constantemente humilhada por não se interessar pelos conteúdos ensinados e acabava acreditando no que falavam, que não seria nada na vida.

Ela relata que um vizinho era sempre diminuído em sala de aula porque não ia bem em uma das disciplinas e que em seu estágio teve a oportunidade de fazer uma abordagem diferente para aquele estudante, levando características básicas da propriedade em que ele vive para o conteúdo e dessa forma o mesmo teve significativa melhora em seus rendimentos na disciplina. Isso tudo a traumatizou um pouco, e atualmente ela acredita ser muito importante estudar para permanecer na roça, pois a universidade a fez crescer e melhorar a produção de toda a sua família.

Como ela está concluindo a graduação, questionei sobre a possibilidade de exercer a profissão de professora, entretanto existem dois motivos que a fazem, no momento, não querer lecionar. Um dos motivos se dá devido a sua experiência ruim como estudante do ensino fundamental, já que ela mesma era taxada como a pessoa que não ia ser nada na vida por não se interessar pelos estudos. O segundo motivo está relacionado a sua produção e venda de orgânicos que está dando certo e que adora exercer. Sobretudo, apesar de não ser professora, ela utiliza muito do conhecimento que aprendeu na universidade em sua propriedade e está muito satisfeita com isso.

A licenciatura em Educação do Campo rendeu reflexos também na relação familiar. Seu pai, que antes não a incentivava a ficar e sim a sair, agora, tem um posicionamento diferente com seu irmão, pois quer que ele fique, e o incentiva para isso.integrando-o nas festas comunitárias e nas reuniões de incentivo ao turismo rural. Também comprou uma moto para que ele pudesse passear em seu tempo livre, já que o lazer na região acaba sendo um pouco longe (como em campo de futebol ou barzinhos). Hoje o irmão dela não pensa em sair da propriedade.

No tempo livre da família, não há muitas opções de lazer, então as vezes saem para passear na casa de alguém ou em vão algum restaurante, mas logo estão de volta em casa. Segundo ela o lazer é bem curto, ainda mais para ela, pois quando não está na produção está em casa cuidando do filho, fazendo comida e cuidando dos afazeres da casa (que por sua vez são intermináveis), enquanto isso, seu filho brinca e seu marido assiste televisão.

Sobre a saída dos jovens do campo ela acredita que apesar de todos os motivos mais visíveis, falta incentivo dentro de casa. As próprias pessoas que vivem no campo não acreditam que alguém possa gostar de estar aqui, gostar do seu trabalho, que deseje isso para seus filhos e muito menos que consiga adquirir as coisas, “carro bom e casa nova não existem para quem mora na roça”, e ela é prova de que isso não é verdade. Sabemos que está muito interiorizada a ideia de que os jovens precisam buscar uma vida melhor na cidade e que tudo



isso vem de um sistema muito maior do que podemos imaginar, entretanto segundo a entrevistada, conseguiremos avançar significativamente neste assunto quando os sujeitos do campo começarem a perceber seu valor e a grandeza que é trabalhar no campo e mais do que isso, que podemos trabalhar de várias formas diferentes, sem precisar nos alienar a empresas e a agropecuárias para que o plantio dê certo.

A educação é um dos mais assertivos meios para iniciar esta melhoria, entretanto a agricultura familiar também depende muito de incentivos governamentais, linhas de crédito justas que favoreçam o pequeno produtor, o produtor orgânico, o produtor indígena, os ribeirinhos e etc.

A entrevistada relata que chegaram a utilizar o PRONAF, há quatro anos atrás, e que existe uma linha de específica para o pequeno agricultor orgânico, porém na realidade não é o que aparece na teoria lá no site do banco. Eles até conseguiram pegar o valor, mas tiveram que pagar o seguro obrigatório exigido pelo banco sem poder utilizá-lo, pois o seguro só poderia ser usado se o produtor tivesse notas comprovando a compra de insumos químicos e venenos, o que não faz sentido nenhum. Como um PRONAF para produtor orgânico pode exigir notas de agropecuária para permitir acesso ao seguro? Ou seja, o que podemos concluir é que o sistema é contraditório e que há pouco ou nenhum incentivo para uma produção sem uso de um “kit” da agropecuária”.

### III- A PERMANENCIA NO CAMPO. O QUE FAZ OS JOVENS FICAREM NO MEIO RURAL?

Existem diversas pesquisas evidenciando a forte existência do êxodo rural, sobretudo se tratando dos jovens, em especial as mulheres. De modo geral, são inúmeros os motivos que levam o jovem a migrar do campo para a cidade. Segundo Aguiar e Stropasolas (2010,p. 161), diante de uma pesquisa realizada com jovens do oeste de Santa Catarina “o principal estímulo para a migração de jovens é atribuído à própria situação de vulnerabilidade da agricultura tanto em relação ao clima quanto em relação ao mercado”.

Acredito que em Alfredo Wagner a realidade esteja também atrelada a estes fatores, considerando o crescente preço dos insumos químicos para uma produção convencional que resulta no baixo rendimento da produção e conseqüente baixa renda para as famílias produtoras. No entanto a crescente monocultura que predomina em nossa região é um fator chave que dificulta a permanência dos jovens no município, não só aqui como também no restante do estado.

Os jovens sugerem que tal sistema não assegura uma renda certa para a família, situação agravada quando a unidade familiar não apresenta uma produção diversificada, o que limita a geração de renda em várias frentes, tornando a agricultura dependente e vulnerável a situações adversas como queda nos preços e aumento dos custos. (AGUIAR, STROPASOLAS, 2010). Em contrapartida propriedades mais diversificadas, com mais possibilidades de renda acabam dando motivos para que a juventude queira permanecer mais tempo no campo.

Depois de compreender as características principais e o funcionamento das duas propriedades visitadas, vamos agora compreender as relações existentes entre a estrutura da propriedade e a decisão desses jovens de permanecer no campo. Podemos perceber que as duas propriedades analisadas estão organizadas no formato de agricultura familiar em que

[...] corresponde à distinta forma de organização da produção, isto é, a princípios de gestão das relações de produção e trabalho sustentadas em relações entre membros da família, em conformidade com a dinâmica da composição social e do ciclo de vida de unidades conjugais ou de unidades de procriação familiar. (CALDART, *et al*, 2012 p.34)

Em outras palavras, a agricultura familiar possui como base a família em que o “modo de produzir é orientado por objetivos e valores construídos pela vida familiar” (Neves, 2012, p.35), ancorado até hoje ainda no pressuposto da produção para a subsistência. Sabemos

que este não é mais o principal objetivo dos agricultores familiares, que atualmente produzem com o objetivo principal de venda e obtenção de lucro, ancorado em nossa sociedade capitalista. Na agricultura familiar a mão de obra é constituída pelos próprios integrantes da família, esposa, marido, filhos, agregados, desta forma não podem ser dispensados como no trabalho formal em empresas, pois se tratam de herdeiros formais daquela propriedade. E como as terras geralmente já vem da sucessão da família, acabam tendo uma forte tendência a seguir o modo de organização de seus antecessores. Um exemplo é de que cada integrante já tem seu papel na propriedade pré-estabelecido, em que a filha mulher herda os afazeres da casa e no tempo que sobra ajuda na produção, já o filho homem trabalha ao lado do pai na roça e, na maioria das vezes, este é quem possui a sucessão do comando da produção e da terra.

Podemos perceber então que as duas propriedades analisadas estão organizadas no formato de agricultura familiar, porém são bastante distintas. A primeira família segue o caminho da agricultura baseada na produção do fumo e que embora agreguem o milho e a horta, essas produções são para a subsistência. A produção comercializada é apenas o fumo.. Dessa forma a família possui um salário anual, ou seja, apenas na venda quando termina a safra, que é uma vez ao ano em meados de fevereiro. Recebe então o valor que deverá usar na organização para pagar as dívidas restantes da safra feita, as dívidas pendentes da casa e da família, organizar seu planejamento para a safra seguinte e ainda planejar seus gastos do próximo ano inteiro, já que receberá novamente apenas no ano seguinte. Portanto, se uma safra for ruim, acaba prejudicando o andamento de pelo menos dois anos de produção e isso acaba impulsionando os jovens a querer sair da propriedade. Segundo Aguiar e Stropasolas (2010, p.161) uma produção mais diversificada acaba diminuindo as possibilidades de frustração por queda de preços do produto e aumentando as possibilidades para que o jovem queira permanecer na propriedade, pois desta forma haveria possibilidade de outras rendas no decorrer do ano com culturas variadas.

Já a segunda família entrevistada, foi por um tempo, organizada também com foco na produção da cebola, mas devido as frustrações que foram ocorrendo, conseguiram se organizar e passaram a diversificar a produção, dessa forma se um produto não tem muito rendimento naquele mês, eles possuem vários outros para venda e assim, sentem muito pouco o prejuízo daquele produto.

Como observado no capítulo I deste TCC, Alfredo Wagner é caracterizado pelas pequenas propriedades rurais. Sabemos que a produção e comercialização de um único

produto passa a ser rentável em grande quantidade e para que haja venda e o atravessador venha buscar o produto. Contudo pequenas propriedades se enquadram para produção variada, como visto pela segunda entrevistada. Ela, junto com sua família, perceberam que precisavam produzir com mais variedade e menor quantidade. O problema que precisariam enfrentar era o transporte, foi aí que a “coragem” que ela tanto fala fez a diferença. Mais do que isso ela teve informação através da sua formação oferecida pelo EDUCAMPO-UFSC e ainda teve indicações de contatos para conseguir clientes.

Já o primeiro entrevistado, produtor de fumo não consegue sair da produção única e para atendê-la precisou fazer empréstimo para comprar mais terras e produzir mais fumo. Eles acabam alimentando o ciclo da agricultura tradicional em que é necessário pegar empréstimos para comprar os insumos necessários para a iniciar a produção, então quando vendem o produto precisam utilizar o valor da venda do produto para pagar o empréstimo, sobrando nada ou muito pouco para iniciar a produção seguinte, precisando então utilizar de um novo empréstimo para começar um novo plantio. O maior problema é que a agricultura está a mercê de intempéries climáticas, de doenças novas atacando as plantas, então caso aconteça qualquer imprevisto a chance de uma família, com este modo de produção, se reerguer é baixa, tendo em vista que o sistema em vigência atualmente não contribui para que o pequeno produtor se reestabeleça, um exemplo disso são as exorbitantes taxas de juros oferecidas.

Saliento que a família repete várias vezes que gosta de onde moram, do trabalho que exercem e que a renda é suficiente para sobreviverem, exceto a mãe. Ela é a única da família que gostaria de sair da propriedade e ir para a sede do município, que não está satisfeita com a vida que leva.

A posição dos jovens homens no processo sucessório no interior da família, a penosidade da atividade agrícola e a não participação das jovens nas discussões sobre o futuro da propriedade têm sido apontados como fatores que, por um lado, afastam as jovens da atividade agrícola, favorecendo a migração para o meio urbano. (SILVA, 2010, P.02)

Vários autores, como mencionado acima, defendem a ideia de que as jovens mulheres acabam deixando mais o campo que os jovens rapazes. Entretanto podemos observar que o que as motiva a sair não afete apenas a essas jovens, mas sim a todas as mulheres constituintes a essa unidade familiar de produção. Avalio que no caso da primeira família entrevistada, a mãe seja a única a pensar em sair devido ao seu papel na propriedade, pois a ela recai os afazeres da casa, da produção e ainda trabalha fora todas as manhãs. Além de possuir uma função praticamente interminável, ela é a que menos participa das decisões na

propriedade, pois seu trabalho da casa é pouco contabilizado pela família, pelo menos financeiramente, pois “não gera lucro”.

A diferença entre essa mãe e as moças que migram para a cidade é que as moças não possuem marido e filhos e desta forma a mulher-mãe acaba ficando alienada a família, aos serviços domésticos e maternidade.

Nesse aspecto, analisando a segunda propriedade, a jovem entrevistada que é a mulher (e já é mãe também) teve a coragem de enfrentar toda a família, desde o marido até seus pais para que a mudança acontecesse. Atualmente ela e a mãe ainda realizam sozinhas as tarefas da casa, porém ela possui papel principal na tomada de decisões da propriedade, sendo assim seu trabalho é valorizado e esta, por sua vez, quer permanecer no campo.

Para que toda a evolução acontecesse, a produção orgânica foi muito importante nesse processo. E esse foi um dos aspectos em que a Licenciatura em Educação do Campo foi primordial para o amadurecimento e desenvolvimento desse novo modo de produção diversificada. Um dos princípios da Educação do Campo é ancorado na agroecologia e a produção de orgânicos é uma das principais formas de se fazer agroecologia. Para compreendermos,

A agroecologia orienta práticas de: aproveitamento da energia solar através da fotossíntese; manejo do solo como um organismo vivo; manejo de processos ecológicos – como sucessão vegetal, ciclos minerais e relações predador– praga; cultivos múltiplos e sua associação com espécies silvestres, de modo a elevar a biodiversidade dos agroecossistemas; e ciclagem da biomassa – incluindo os resíduos urbanos. Dessa forma, o saber agroecológico contribui para a construção de um novo paradigma produtivo ao mostrar a possibilidade de produzir ‘com a natureza. (CALDART, *et al*, ano??p.63).

Ao cultivar alimentos orgânicos a família não possui mais nenhum vínculo com a agropecuária, com exorbitantes gastos em insumos químicos, o que intensifica o lucro da produção. Como venho de uma agricultura familiar tradicional, meu maior questionamento, é como produzir alimentos bons e bonitos sem ter que inserir todos aqueles insumos que estamos acostumados no solo? E quando aparece uma doença?

Depois de fazer a Licenciatura em Educação do Campo e de visitar a propriedade da entrevistada, percebo que a diferença está na prevenção, o mais importante é manter o solo saudável, cuidar do mesmo.. Mesmo assim, caso ainda apareça alguma praga ou doenças, existem opções alternativas sem o uso de agrotóxicos. E tudo isso favorece a permanência da

família na propriedade, pois sua relação com a terra é diferente de quem produz da forma tradicional, o cuidado com o solo é diferente.

Quando ela fala que seu irmão de vinte anos também não quer sair da propriedade, podemos perceber sua relação com o meio em que vive. Lá ele possui espaço, ele tem a sua moto para poder sair e o trabalho é diversificado. A família não investe sempre na mesma coisa. Tanto é que sabemos que nem todos os produtos podem ser plantados o ano inteiro então existe também essa diversificação. Além disso, agora então planejando a construção de chalés, estão pensando em abrir as portas da propriedade para o turismo rural e tudo isso estimula o jovem a ficar, a mulher a ficar, a querer que seu filho fique.

Entretanto, seu irmão quando estava no ensino fundamental II era também um jovem que tinha vontade de parar de estudar, pois era julgado como alguém que só serviria para a “roça” pois não se interessava pelos estudos. Não podemos fechar os olhos, precisamos admitir que o modo de ensino atual está falho para que melhoras possam ser feitas.

Historicamente, a instituição escolar pública parte do princípio de que todos os jovens deste país provêm de espaços onde as relações sócio-culturais, o pertencimento étnico-racial, as relações de gênero e tantas outras dimensões são homogêneos e únicos. Nesse sentido, a desarticulação existente entre o saber mediado na escola e o cotidiano dos jovens que vivem no meio rural reforça a assertiva de que as formas de vida e a cultura dos grupos privilegiados é que são valorizadas e instituídas como cânone. (SILVA, 2010, P. 02)

Essa distância entre o que é ensinado na escola e a vivência dos jovens foi bastante mencionada nas duas entrevistas. O ensino básico torna-se desinteressante para os jovens do campo, de um modo geral. Quando iniciam a vida escolar, a escola passa a ser um espaço de vivência para as crianças que vão criando um vínculo com o lugar e com as pessoas que ali estão, formando amizades. Com o tempo essa criança que agora se tornou um jovem, que sente necessidade de trabalhar e adquirir sua renda acaba se frustrando com os conteúdos ensinados na escola que não agregam ou agregam muito pouco ao trabalho desenvolvido na propriedade.

Percebemos, nitidamente, que o jovem entrevistado, produtor de fumo interrompeu os estudos e dessa forma pretende continuar o modo de produção atual e continuar seguindo o modelo tradicional. Já a jovem que acabou cursando o EDUCAMPO conseguiu fazer a mudança que pretendia na propriedade e ainda permanece em constante evolução. Sendo assim, ela vai ao contrário do que afirma Silva, (2010, p. 3) “... a valorização do estudo como condição para o jovem do campo conseguir um emprego está, em grande parte, associada ao

abandono da atividade agrícola” Portanto, ela quebra esse círculo e utiliza seus estudos para se manter nas atividades agrícolas.

SILVA, (2010, p. 4) aponta que “a escola deve conhecer os sujeitos com os quais atua, dentro e fora de seus muros, entendendo a vivência juvenil no meio rural, marcada por um modo de vida singular, como dimensão importante para significar o saber escolar”. A diferença de quem se mantém na propriedade e continua a estudar é de que o conhecimento científico acaba lhe abrindo portas para evoluir e querer aprender mais, pois a agricultura familiar tradicional está cada vez mais dependente do capitalismo com seu “pacote” pronto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender se existe relação entre a permanência dos jovens no campo e o modo de produção que desempenham na propriedade, assim como com a escolarização ofertada nas escolas, mais especificamente no interior do município de Alfredo Wagner- SC.

Para isso apontei os principais aspectos do município no qual realizei a pesquisa, trazendo um pouco da sua história, sua estrutura educacional e fundiária mostrando como as propriedades, em sua maioria, estão configuradas aqui na região.

Sabendo que o município possui como modo de produção predominante a agricultura familiar. Portanto, para compreender melhor sobre esses jovens que ainda permanecem no campo, escolhi entrevistar dois jovens constituintes da agricultura familiar, porém com modos de produção distintos. Um deles vem de uma família com produção baseada do fumo e a outra vem de uma agricultura familiar baseada no multicultivo de produtos orgânicos.

A pesquisa realizada mostrou que há sim, relação da permanência do jovem no meio rural com a sua propriedade e seu formato de produção. A segunda entrevistada, antes de começar o cultivo variado e de continuar os estudos pretendia sair da propriedade. Entretanto, quando começaram a variar a produção e obter mais formas de renda o interesse em permanecer foi surgindo e atualmente seu irmão que é jovem também quer ficar, pois já faz parte desse modo de produção diversificado.

Ao diversificar a produção a renda também passa a ser diversificada, pois a venda não ocorrerá apenas uma vez ao ano como no caso de depender apenas de um produto, fumo ou cebola, produções comuns na região.

Outra relação que consegui perceber é a de gestão da propriedade, como a jovem, mulher, começou a participar das tomadas de decisões da propriedade e da gestão financeira da mesma passou a ter seu trabalho mais visibilizado por todos na propriedade o que acabou contribuindo para a sua vontade de permanecer.

A propriedade que visitei baseada na produção exclusiva de fumo se contrapõe em vários aspectos a propriedade diversificada. Pois lá a renda é anual, dessa forma os integrantes da família precisam de um trabalho extra para complementar a renda. A mulher da casa não participa da tomada de decisões na propriedade, pois acaba trabalhando fora e tem participação reduzida na produção. Dessa forma, se confirma a teoria de que as mulheres são as que mais querem sair do campo devido a fatores como este.

Durante a pesquisa percebi que a propriedade baseada em um único produto possui mais problemas e menor rendimento que a propriedade diversificada. Ainda assim, se contrapondo ao que muitos autores afirmam, o jovem da família pretende ficar, comprou um pedaço de terra e quer seguir os passos do pai.

Podemos perceber que a segunda entrevistada conseguiu evoluir em sua propriedade exatamente quando iniciou o ensino superior, pois unindo os conhecimentos que aprendeu com seus pais com as discussões realizadas no EDUCAMPO teve a oportunidade de refletir não só sobre o modo de produzir aquela planta, mas também o modo de produção da propriedade como um todo.

Quando se nega a necessidade de adquirir conhecimento estamos, de certa forma, nos anulando e deixando que pessoas com mais estudos tomem as decisões por nós.

Não posso deixar de mencionar também a problemática envolvendo o modo de ensino atual na educação regular, em que muitos jovens relatam sobre a distância do que lhes é ensinado na escola com os conhecimentos básicos que precisam para a vida, assim como para o campo.

Ressalto também que, este trabalho não se adentrou a discussão com professores da rede pública do ensino básico, mas que está mudança está ainda além da escolha dos professores, mas sim do formato que a educação está baseada, conseqüentemente o currículo, a formação de professores, e os processos de ensino-aprendizagem.

Analiso que o campo, mesmo sendo um lugar difícil, pois a estrutura das estradas são precárias e há poucas opções de lazer para os jovens, ainda assim é um lugar para se viver com qualidade de vida e têm se tornado a opção de muitos jovens, como demonstrou essa pesquisa.



Concluo que a educação também tem papel importante nesta decisão de ficar ou partir, pois o entrevistado que acabou desistindo dos estudos relata que o fez devido não perceber relação entre sua vida e seu trabalho com o que aprendia. Há uma distancia muito grande entre o que é ensinado na escola e o que o jovem usa para sua vida, portanto muitos acabam desistindo pois acreditam que o aprenderam com seus pais é o suficiente.

O problema é que estes não percebem questões como o tamanho das propriedades e o modo de produção correspondente. Já que para que a produção única (fumo ou cebola) dê lucro é necessário que o plantio se dê em grande escala e como nosso município é caracterizado em pequenas propriedades a maioria dos produtores acaba fazendo empréstimos para aumentar o tamanho das terras e ter maior rentabilidade da produção, se fixando assim, no ciclo vicioso do uso de insumos químicos e empréstimos.

Complemento que o aprendizado adquirido das gerações anteriores é de extrema importância e não deve ser desvalorizado ou descartado. Porém adicionado aos conhecimentos científicos se torna um poderoso artefato para as melhoras na propriedade, como ficou evidente nas respostas da segunda entrevistada que já tinha desejo de mudança, mas quando começou a universidade pode agregar muito mais em sua propriedade.

Por fim, reafirmo a importância do curso de Licenciatura em Educação do Campo na vida das mulheres e dos homens do campo, mais que formar professores, forma para a vida, se mostrando um leque de possibilidades imenso para os povos do campo.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

ABRAMOVAY, Ricardo et alli. Dilemas e estratégias do jovens rurais: ficar ou partir. **Estudos Sociedade e Agricultura**, vol.12, n.1, 2004, p.236-271.

AGUIAR, Vilênia V. P.; STROPASOLAS, Valmir L. **As problemáticas de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina.** In: SCOTT, Russel Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Org.). *Gênero e geração em contextos rurais.* Florianópolis: Editora Mulheres, 2010. p.157-181.

CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. **Dicionário da Educação do Campo.** São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CUNHA, C.; EGER, V. S. **Diagnóstico de Alfredo Wagner**. Alfredo Wagner, 2017.

GOES, J. Entrevista concedida a Camila da Cunha em julho. Alfredo Wagner, 2021.

GOOGLE MAPS. **Mapa de Alfredo Wagner**. [on line] Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Alfredo+Wagner+-+SC,+88450-000/@-27.7165304,-49.6098609,10z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x9520885e79e28a0d:0xb638e7216ac462b2!8m2!3d-27.6959489!4d-49.3320694> Acesso em julho de 2020.

SANTA CATARINA. **Alfredo Wagner**. [on line] Disponível em: <https://www.sc.gov.br/conhecasc/municipios-de-sc/alfredo-wagner> Acesso em julho de 2020.

IBGE. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. [on line] Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=42&dados=29> Acesso em julho de 2020.

JORNAL CAPITAL DAS NASCENTES. **ALFREDO WAGNER É O 3º MAIOR PRODUTOR NACIONAL DE CEBOLA**. [ON LINE] DISPONÍVEL EM: <https://jornalaw.com.br/2019/09/06/alfredo-wagner-e-o-3o-maior-produtor-nacional-decebola/#:~:text=Na%20safra%202018%2F2019%2C%20segundo,de%20cebola%20em%20Alfredo%20Wagner.> Acesso em julho de 2020.

PEREIRA, Caroline. **Personalidades: Alfredo Henrique Wagner**. [on line] Disponível em: <http://carolpereiraa.blogspot.com.br/2013/06/personalidades-alfredo-henrique-wagner.html> Acesso em: jul 2020.

REIS, Lucas Bond. **Para uma História Jê Meridional na Longa Duração: o Contexto em Alfredo Wagner (SC) e a sua Inserção Regional**. Florianópolis, 2015.

ROCHA, Isa de Oliveira; MAMORIM, Maria Paula Casagrande. **Diagnóstico Socioambiental e Proposições de Planejamento Territorial: Alfredo Wagner e Bom Retiro (Santa Catarina)**. Udesc. Florianópolis, 2014.

SILVA, Catarina Malheiros. Escolarização no meio rural – juventude e marcas de gênero [online] Disponível em <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT03-6955--Int.pdf>. Acesso e julho de 2021.

SILVA, A. Entrevista concedida a Camila da Cunha em julho. Alfredo Wagner, 2021